

**ENTRE AGULHAS E MEMÓRIAS:
UMA ANÁLISE SOBRE A TRAJETÓRIA DE DOIS PROFISSIONAIS DA
COSTURA EM CAMPO GRANDE (MS)**

**Luiza Acosta Masceno¹
Ricardo Cruz²**

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise antropológica da trajetória de um alfaiate e uma costureira em Campo Grande (MS), examinando como as transformações econômicas, sociais e culturais reconfiguraram o lugar desses trabalhadores no campo têxtil contemporâneo. A pesquisa investiga de que modo profissionais que atuam com práticas tradicionais de costura, antes centrais na produção de vestimentas personalizadas, passaram a vivenciar processos de desvalorização, invisibilização e precarização diante do avanço da industrialização, do *fast fashion* e da crescente informalização do trabalho. Com base em entrevistas com um alfaiate e uma costureira, bem como em revisão bibliográfica e observação de campo, discute-se a persistência de um saber-fazer artesanal em um cenário marcado pela aceleração produtiva, pela padronização estética industrial e pela hegemonia de produções em massa. Analisa-se ainda como esses trabalhadores elaboram estratégias de continuidade e resistência simbólica, ao mesmo tempo em que se observa, nesse mesmo contexto, o surgimento de movimentos de resgate e revalorização da costura tradicional. Ao articular dimensões econômicas, simbólicas e identitárias, o estudo contribui para compreender a costura como prática social viva e para reconhecer o ofício desses profissionais como expressão das memórias que atravessam o fazer da costura em Campo Grande (MS).

Palavras-chave: Ciências Sociais - Moda - Costureiras - Alfaiates - Antropologia

ABSTRACT

This article presents an anthropological analysis of the course of tailors and seamstresses in Campo Grande (MS), examining how economic, social, and cultural transformations have reshaped the position of these workers in the contemporary textile field. The research investigates how professionals who work with traditional sewing practices, once central to the production of customized clothing, have come to experience processes of devaluation, invisibilization, and precarization in the face of industrialization, fast fashion, and the growing informality of labor. Drawing on interviews with a tailor and a seamstress, complemented by bibliographical review and field observation, discusses the persistence of traditional craft practices within a context defined by production acceleration, industrial aesthetic homogenization, and the predominance of mass manufacturing. The analysis also explores how these workers develop strategies for continuity and symbolic resistance, while acknowledging, in the same context, the emergence of movements dedicated to the recovery

¹ Estudante do Curso de Ciências Sociais bacharelado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

and revalorization of traditional sewing practices. By articulating economic, symbolic, and identity dimensions, the study contributes to understanding sewing as a living social practice and to recognizing the craft of these professionals as an expression of the memory that crosses the making of sewing in Campo Grande (MS).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, sob uma perspectiva antropológica, analisar as transformações ocorridas na indústria e suas implicações no mundo do trabalho no campo da costura, com foco nos profissionais atuantes em Campo Grande (MS). A pesquisa propõe estabelecer um paralelo entre as mudanças estruturais do sistema capitalista e as novas formas de consumo, evidenciando como essas dinâmicas impactam diretamente a vida e a valorização dos trabalhadores da costura. Ao longo do século XX, observa-se a construção de um espaço de invisibilidade social para alfaiates e costureiras. Suas atividades, embora marcadas por saberes tradicionais e habilidades artesanais, foram progressivamente marginalizadas diante da expansão da produção em massa e da lógica do consumo acelerado. O avanço do setor industrial e a reconfiguração das práticas de consumo alteraram profundamente as relações de trabalho, contribuindo para a desvalorização simbólica e econômica desses profissionais.

Tendo como fundamento os apontamentos de Richard Sennett na obra “A Corrosão do Caráter” (2009), analisamos as transformações do capitalismo contemporâneo e seus efeitos nas relações sociais. O autor observa que, em contextos anteriores, a previsibilidade e a estabilidade favoreciam a construção de vínculos duradouros entre os trabalhadores, sustentados por compromissos de longo prazo. Como afirma, “Os laços fortes, em contraste, dependem da associação a longo prazo” (SENNETT, 2009, p. 25). No contexto da costura, tais vínculos se expressavam na transmissão de saberes entre gerações e na convivência em espaços coletivos de trabalho, elementos sendo cada vez mais raros em um modelo marcado pela flexibilização e pela individualização das relações laborais.

Diante da transformação, na obra “O Novo Espírito do Capitalismo”, Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) observa-se como o avanço das novas formas de organização capitalista tem gerado um cenário de crescente instabilidade para os trabalhadores. Segundo os autores, “hoje, as garantias conferidas pelos diplomas superiores diminuíram, as aposentadorias estão ameaçadas e as carreiras já não são asseguradas” (2009, p. 51). Essa constatação revela a intensificação da insegurança estrutural que permeia o mundo do trabalho, afetando diretamente a trajetória de profissionais de diversos setores.

Dessa forma, evidencia-se que tais transformações não ocorreram ao acaso. Conforme apontam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), já no século XX, consolida-se o chamado “capitalismo artista”, termo usado pelos autores, caracterizado pela criação de beleza e pela exploração de domínios estéticos com o propósito de mobilizar o imaginário social. Observa-se, nesse processo, uma transição em que o sistema deixa de ter como foco exclusivo a produção em massa e passa a operar pela manipulação do belo. Como afirmam os autores, “um capitalismo centrado na produção foi substituído por um capitalismo de sedução, focalizado nos prazeres dos consumidores por meio das imagens e dos sonhos, das formas e dos relatos” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p.42). Essas novas estratégias, baseadas na centralidade da estética e na intensificação do consumo simbólico, promovem o crescimento do setor financeiro, da moda e do luxo, no qual o lucro permanece como alvo principal, mas sempre articulado à elaboração de novos imaginários e experiências desejáveis para os consumidores.

No campo da costura, essa realidade se manifesta na redução da procura por peças confeccionadas de forma tradicional. A autora Tatiana Massaro (2021) aponta que, a partir de meados do século XX, houve a consolidação do modelo *fast fashion*, que privilegia a produção em larga escala, com baixo custo e alta rotatividade, constituindo “uma produção que se acelera e um consumo rápido de novidades e produtos que, no caso da moda, serão descartados brevemente para que outras novas ocupem seu lugar em um futuro próximo” (2021, p. 92). A lógica da aceleração e da obsolescência programada compromete não apenas a estabilidade econômica desses trabalhadores, mas também a continuidade dos saberes tradicionais que sustentam o ofício. Assim, observa-se uma transição marcada pela informalidade, pela fragmentação e pela crescente dificuldade de inserção em um mercado que valoriza a rapidez e a padronização em detrimento da singularidade artesanal.

Nesse sentido, ao analisar as contribuições à crítica contemporânea ao capitalismo e as discussões sobre o *fast fashion* no contexto dos trabalhadores da costura, o propósito desta pesquisa consiste em compreender como os profissionais do mundo da costura em Campo Grande (MS) reelaboram seus saberes diante das transformações do mundo do trabalho. Mais do que um campo vinculado à moda e ao consumo, a costura configura-se como uma prática cultural e um espaço de resistência, no qual se preservam memórias e identidades.

Essa análise é construída a partir de entrevistas realizadas com dois agentes desse ofício, um alfaiate e uma costureira que compartilham suas experiências, percepções e

vivências sobre o trabalho que desempenham diariamente, evidenciando a dimensão social do trabalho. Ao reconhecer o valor cultural e histórico dessas narrativas, pretende-se contribuir para a valorização da costura como parte fundamental da história social do trabalho.

“Costurando identidades”: As transformações do trabalho

O trabalho da costura transcende a mera atividade econômica, configurando-se como um valor social, cultural e moral. No contexto do sistema capitalista, observa-se que as costureiras de facção passam a operar sob novas lógicas de produção, nas quais seu valor está intimamente relacionado às tendências de mercado e à capacidade de adaptação às exigências do setor. Wecisley Ribeiro (2009), ao investigar costureiras de facção na cidade do Rio de Janeiro, evidencia que o reconhecimento social desses profissionais estava praticamente condicionado à aderência às modas em alta. Como observa o autor:

“O valor social de cada costureira depende da tendência do mercado da moda, de que tipo de modelo está em alta. Hoje em dia, a ‘menina dos olhos’ do dono de uma confecção é a costureira de Colarete” (RIBEIRO, 2009, p. 66).

Essa dinâmica revela que o valor do trabalho não é apenas econômico, mas construído a partir da capacidade de adaptação do trabalhador às transformações sistêmicas. Mesmo entre as costureiras de facção, poucas conseguiam manter uma posição diferenciada ou conquistar alguma forma de autonomia dentro do espaço produtivo. Conforme Ribeiro (2009), as novas metas de produção, estabelecidas por sistemas de mensuração que ignoram as variações orgânicas do corpo humano, funcionam como mecanismos de controle sobre o comportamento das operárias:

“As novas metas de produção, estabelecidas a partir de sistemas de medição que desconsideram até mesmo as variações orgânicas do corpo humano, as quais, por sua vez, incidem sobre as variações na produtividade, constituem um exemplo de mecanismos de controle sobre o comportamento das operárias” (RIBEIRO, 2009, p. 74).

Diante dessas alterações nos sistemas de produção, muitas costureiras desenvolveram estratégias de autorregulação e de monitoramento mútuo, criando práticas coletivas de controle interno que dispensaram a supervisão direta do patrão. Esse fenômeno evidencia não apenas a pressão exercida pelo mercado, mas também a capacidade de organização e adaptação das trabalhadoras, ressaltando a dimensão social e cultural do trabalho de costura,

que vai além da mera produção de peças, englobando relações de poder, solidariedade e resistência dentro do espaço laboral.

Outrossim, quando o sistema produtivo não consegue mais operar por meio da vigilância direta ou pela regulação coletiva entre as trabalhadoras, como ocorre nas fábricas e facção, muitas costureiras recorrem ao trabalho domiciliar com suas próprias máquinas. Esse deslocamento para o ambiente doméstico não é fruto apenas de escolha individual, mas frequentemente do não enquadramento ao ritmo imposto pela produção industrial. Assim, o domicílio torna-se simultaneamente espaço de produção, sobrevivência e invisibilidade.

Ao deslocar o olhar para o contexto campo-grandense nos deparamos com os estudos da Ivani Marques Da Costa Grance em sua obra *Pode A Costureira Falar? Estudo Etnográfico De Um Coletivo De Costureiras Em Campo Grande – Ms* (2020) no qual analisa de que maneira as costureiras são ou não reconhecidas como sujeitos de fala dentro do campo da moda. Conforme afirma a autora, “Campo Grande não tem polo industrial têxtil, a exemplo de São Paulo e demais grandes polos industriais das regiões Nordeste e Sul, em que existem diversas possibilidades de trabalho com costura” (2020 p. 12).

A ausência de um polo industrial estruturado implica na restrição de oportunidades formais de inserção e empurra as costureiras para trajetórias marcadas pela informalidade, pela fragmentação e pela dependência de redes pessoais ou cursos de curta duração que lhes possibilitem alguma renda. A própria pesquisadora aponta a dinâmica da visibilidade seletiva associada ao trabalho doméstico: “Enquanto estive invisível para o mercado formal de trabalho, me tornei visível e presente para meus filhos, minha casa, minha vida em família” (GRANCE,2020 p. 35).

A autora se destaca pela criação de um coletivo com outras duas costureiras, como resposta à invisibilidade da profissão e à necessidade de construir uma fala coletiva. A proposta de moda autoral, baseada em saberes tradicionais e técnicas artesanais, busca valorizar o trabalho da costura no polo Campo Grande – MS. Esse movimento foi impulsionado, sobretudo, pela difusão do conceito de *slow fashion*, que se contrapõe ao modelo industrial do *fast fashion* e as marcas autorais em Campo Grande começam a ter parte de visibilidade

“Dentre as características observadas nos criadores de moda autoral, se destacou a preferência pelo modo de produção preconizado pelo movimento Slow Fashion, que

pressupõe a produção em menor escala, baixo impacto ambiental e utilização da força de trabalho de cooperativas e coletivos de trabalhadores, em oposição ao fast fashion que é a produção industrial de larga escala” (GRANCE,p.70)

Dessa forma, é possível salientar como a produção autoral e o trabalho artesanal não apenas contribuem para a expansão do saber tradicional, mas também promovem uma moda sustentável, atuando como forma de combate à produção em larga escala que tanto afeta o mundo globalizado atual.

Como demonstra a autora Massaro (2021), o surgimento do movimento *slow fashion* representa uma resposta ao consumo exacerbado ao qual grande parte das indústrias, especialmente a da moda, estava atrelada. A moda autoral emerge, portanto, como uma reação ao modelo vigente de criação e comercialização de roupas, funcionando como resistência à realidade de consumo constante e fabricação irresponsável. A autora revela:

“Nesse campo, vestir se tornou uma forma de participar da esfera pública e de provocar mudanças nos modelos de produção, no qual ‘a estética seria o urdume e a ética seria a trama’; tratando-se, assim, de ‘uma nova expressão da crítica social, de posicionamento político e de transformação no mercado’ (2021, p.98),

evidenciando como a moda se transforma também em um marcador político e em instrumento de transformação da realidade social contemporânea.

O trabalho dos profissionais da costura engloba saberes ancestrais e práticas artesanais que atuam diretamente na promoção da sustentabilidade, alinhando-se ao combate à produção em massa, a qual não apenas os afetou diretamente, mas também compromete a qualidade e o bem-estar do consumidor.

A moda, sob o olhar do trabalhador, é compreendida como arte e resistência diante de um sistema produtivo que ignora os conhecimentos tradicionais e prioriza o lucro em detrimento da responsabilidade social e ambiental. Karl Marx, ao discutir o conceito de trabalho alienado, já apontava que, no capitalismo, o trabalhador é separado do produto de seu trabalho, perdendo o sentido e a conexão com sua própria atividade. Essa alienação se intensifica na produção em larga escala, onde o trabalho artesanal é substituído por processos mecanizados e desumanizados. Assim, a valorização da moda autoral e artesanal representa não apenas uma alternativa estética, mas também uma forma de resistência política e social

frente à lógica da exploração e da mercantilização do trabalho.

“O ser costureira e o ser alfaiate”

A entrevista se mostra de extrema relevância no contexto de uma pesquisa em Ciências Sociais, especialmente quando se busca compreender a profundidade dos acontecimentos e das experiências vividas. Como destacam Valdete Boni e Silvia Jurema Quaresma no artigo Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais (2005, p. 71), “as pesquisas qualitativas na Sociologia trabalham com: significados, motivações, valores e crenças, e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares”. Assim, o presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender as dimensões subjetivas da trajetória de trabalhadores da produção têxtil, valorizando suas narrativas e vivências.

As autoras também ressaltam a existência de diferentes tipos de entrevistas, discutindo suas vantagens e limitações, de modo a orientar a escolha metodológica mais adequada. Nesse sentido, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas, com o intuito de preservar a espontaneidade e o conforto dos entrevistados ao abordarem o tema, sem perder de vista os objetivos da pesquisa. Como afirmam as autoras,

“as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (2005, p. 75).

O presente trabalho buscou garantir o máximo de conforto aos entrevistados, de modo que se sentissem à vontade para compartilhar suas trajetórias sem interrupções. Ao tratar da abordagem qualitativa, Boni e Quaresma fazem referência à perspectiva de Bourdieu, que reflete sobre a postura ética do pesquisador diante do entrevistado. Segundo o autor,

“os pesquisados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazer ouvir, levar para os outros sua experiência e, muitas vezes, é até uma ocasião para eles se explicarem, isto é, construírem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo” (2005, p.7).

Dessa forma, o entrevistador assume um papel fundamental ao considerar a história de

vida do trabalhador, reconhecendo a responsabilidade ética e metodológica de escutar, interpretar e transcrever com sensibilidade e rigor científico os relatos compartilhados.

A análise começa com duas trajetórias distintas: Dona Eunice Tels, uma costureira autônoma, e o Senhor Nivaldo Ribeiro, também alfaiate solo, ambos atuantes no centro de Campo Grande (MS). Trata-se de duas profissões inseridas no universo da costura, mas com perspectivas e realidades diferentes, especialmente ao se considerar as experiências de uma mulher e de um homem nesse ofício. Cabe destacar que os nomes dos trabalhadores são fictícios, utilizados com o objetivo de preservar o anonimato e respeitar os princípios éticos que regem os estudos antropológicos.

Dona Eunice, nascida em 1969, tem 55 anos e carrega mais de três décadas de dedicação à costura. Sua história começou ainda na juventude, quando passou sete anos em um colégio interno católico, o Auxiliadora. Ali, além da disciplina rígida, aprendeu bordado, crochê e, principalmente, costura, habilidades que logo aplicava em casa, confeccionando roupas para toda a família. Desde cedo, os vestidos se tornaram suas peças preferidas de criar.

A vida profissional tomou forma quando começou a trabalhar em parceria com uma senhora que sonhava em abrir uma confecção. Com o falecimento da parceira, vítima de câncer, Eunice decidiu seguir sozinha. Ao longo do tempo, acumulou experiências em fábricas, como a Boomerang, especializada em camisas masculinas. Ali, aprendeu a fazer barras perfeitas e aperfeiçoou a técnica em peças mais delicadas. Quando a fábrica fechou, comprou as máquinas e passou a trabalhar por conta própria em casa, confeccionando de tudo: roupas de festa, vestidos de noiva, fantasias e peças de alfaiataria. Desde 2011, mantém seu espaço na Rua Rui Barbosa, no centro de Campo Grande (MS).

Eunice conta que o início não foi fácil: nos primeiros seis meses, quase não tinha clientes, mas a persistência falou mais alto. Hoje, seu ateliê é procurado principalmente para consertos, embora também receba encomendas para roupas feitas do zero. “Eu amo a costura. Quando visto a roupa na pessoa e ela gosta, é isso que me realiza”, afirma. Para a costureira, o maior prazer está em ver a satisfação do cliente diante de uma peça bem feita.

Sua rotina é intensa. Trabalha sozinha, utilizando principalmente a máquina reta, e lida diariamente com as exigências da clientela. Os preços muitas vezes são motivo de discussão: uma barra pode custar entre 30 e 40 reais, e um vestido feito do zero varia de 180 a 250 reais. Segundo ela, “a maioria sempre pede desconto”. Apesar disso, continua se

dedicando com capricho, ressaltando que a costura exige não só paciência, mas também conhecimento técnico e até matemática.

Ao longo da carreira, Eunice também se preocupou em transmitir o ofício. Já deu aulas de costura, mas lamenta a falta de paciência e interesse dos mais jovens. Relata ser esse um dos maiores desafios da profissão atualmente: a escassez de costureiras qualificadas e o desinteresse das novas gerações em aprender. “Ninguém mais quer costurar. As roupas chegam mal feitas das fábricas e precisam de ajustes, mas não tem gente preparada para isso”, comenta.

Mais do que um trabalho, a costura se tornou parte da identidade de Eunice. Única da família a seguir essa profissão, Eunice acredita que foi nesse ofício que encontrou realização pessoal. “A costura me realizou”, resume. Entre memórias do convento, experiências em fábricas e a vida dedicada ao ateliê, construiu não apenas uma carreira, mas também uma história de amor pela arte têxtil.

Durante a entrevista, Eunice respondia às perguntas enquanto seguia costurando, sem interromper o trabalho na máquina. Mesmo trabalhando sozinha, sua trajetória demonstra que nem sempre foi assim: por um tempo, contou com o apoio de outra costureira experiente para dar conta da demanda. Frequentemente, durante a conversa, pessoas passavam para perguntar preços, tirar dúvidas ou buscar peças prontas e, ainda assim, ela não deixava a máquina parar.

Um momento marcante da entrevista foi quando Eunice disse: “Não se faz costureiras como antigamente”. Essa frase, embora pareça simples, carrega uma consciência profunda sobre a transformação do ofício. Ao ser questionada sobre o motivo dessa mudança, ela explicou que muitas costureiras com quem trabalhou não dominavam a técnica tradicional e, segundo ela, “estragavam” as peças. Em muitos casos, Eunice precisou refazer o trabalho para corrigir erros anteriores.

O “jeito tradicional” ao qual Eunice se refere está ligado ao Método Vogue de costura, o primeiro curso de corte e costura no Brasil. Como revelam Débora Russi Frasquete e Ivana Guilherme Simili no artigo “A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960”,

“o Método Vogue, de autoria de Antonio Campagnolli, publicado pela Escola de Corte e Costura São Paulo, ainda que um material de cunho pedagógico, apresenta diversas páginas de incentivo ao estudo do ofício de corte e costura e à sua

autopromoção, que possibilita a análise da imagem feminina nas décadas de 1950 e 1960, principalmente quando a essa imagem está associada a visão masculina daquele que o escreveu” (2017, p. 270).

Considerando a formação de Eunice em uma escola católica e o contexto histórico da disseminação do Método Vogue no Brasil, é possível compreender como esse modelo influenciou sua prática. Como destacam as autoras,

“fazer roupa para se vestir e fazer roupa para sobreviver: duas faces visíveis no mercado de produção e de consumo nos anos 1950 e 1960. Com o mercado da moda brasileira em expansão no período, havia o incentivo ao consumo e à produção de moda pelas mulheres, e para tanto revistas como *Jornal das Moças* e *Manequim* davam grande contribuição” (FRASQUETE; SIMILI, 2017, p. 274).

Parte da feminilidade da época estava associada não apenas ao vestir-se bem, mas também ao saber confeccionar suas próprias roupas.

Eunice então relata que aprendeu a fazer moldes na qual utiliza até hoje e os saberes adquiridos ao longo da vida. Ao ser questionada se modificou sua forma de trabalhar, respondeu que sempre manteve os métodos tradicionais, apenas adaptando-se às tendências de moda e estilos contemporâneos. “Hoje em dia as costureiras fazem o corte direto na peça, isso estraga a roupa. Eu sempre tiro o molde antes do corte, isso sim faz uma boa peça”, afirma. Apesar de já ter procurado por alguém com o mesmo estilo de trabalho, atualmente segue sozinha.

A forma contemporânea de produção de peças deixa Eunice receosa, especialmente quanto à qualidade da confecção e dos consertos. Para a costureira, o saber tradicional, que sempre priorizou e ainda preserva, representa a garantia de uma peça bem executada. Durante a entrevista, solicitei à profissional a troca de um zíper em uma peça antiga, cujo problema era justamente o zíper quebrado. Enquanto respondia às perguntas, Dona Eunice realizava o conserto com notável praticidade. A troca durou, no máximo, dez minutos. Além do acabamento impecável, a peça nunca mais apresentou falhas, evidenciando a qualidade de seu trabalho. A precisão na aplicação do zíper e o acabamento bem feito demonstram como o saber tradicional, mesmo aplicado a uma peça adquirida em uma loja de bairro, não deixa imperfeições.

Eunice relata que, com a produção em massa, grande parte das roupas apresenta

defeitos. Enquanto consertava uma calça de alfaiataria militar, mostrou-me em detalhes a costura torta que compromete a estrutura da peça. Segundo ela, a produção em larga escala pouco se preocupa com a qualidade, o que faz com que nunca lhe falte trabalho. No entanto, devido à alta demanda e à escassez de costureiras com domínio técnico semelhante ao seu, acaba sobre carregada em sua rotina.

A costura, historicamente associada à educação feminina, tornou-se, nas décadas de 1960 e 1970, uma possibilidade concreta de inserção da mulher no mercado de trabalho. Como destacam Frasquete e Simili “o ofício do corte e costura é expressivo quando analisado como força de trabalho feminino, pois foi uma prática que auxiliou de forma significativa a inserção das mulheres no mercado de trabalho” (2017,p.280). Ainda hoje, Eunice mantém métodos tradicionais em seu ofício, reafirmando a importância de preservar saberes que garantem qualidade, identidade e resistência na prática da costura.

A entrevista com o alfaiate Nivaldo Ribeiro insere-se na mesma perspectiva de valorização dos saberes tradicionais da costura, sendo ele uma peça-chave na compreensão da realidade atual do ofício. Sua trajetória na alfaiataria começou cedo, aos 16 anos, como aprendiz de um alfaiate experiente em Dourados (MS). O aprendizado seguiu a tradição da época: por meio da amizade, da convivência e da observação atenta, o que ele chama de “atrás do olhar”. A profissão era vista como “linda e bonita”, e a ausência de escolarização formal motivou-o a seguir um ofício que exigia esforço e dedicação, mas não a sala de aula. Nivaldo aprendeu a ler e escrever em casa, pois desde cedo precisou trabalhar para ajudar a mãe e os irmãos.

A primeira peça que confeccionou foi uma calça, marcando o início de um longo e rigoroso processo de formação. Para se tornar um alfaiate completo, segundo Nivaldo, são necessários no mínimo dois a três anos de aprendizado, iniciando com tarefas simples como fazer barras e passar roupas, até dominar o corte de calça, considerada a primeira habilidade técnica. Só após esse período é que se aprende a confeccionar paletós e, posteriormente, camisas. A profissão exige domínio de matemática e, acima de tudo, precisão.

Após morar em Dourados até os 28 anos, onde ensinou o ofício a muitos homens e mulheres, transmitindo inclusive costumes como não trabalhar às segundas-feiras e brincadeiras típicas do ambiente de trabalho, Nivaldo passou por São Paulo, Paraná e Brasília. Por fim, fixou-se em Campo Grande, cidade onde vive há 15 anos e mantém sua

alfaiataria na Rua Aquidauana, nº 182. Nunca exerceu outra profissão. Para ele, o aspecto mais belo da alfaiataria é “tirar defeito” das roupas.

Atualmente, aos 75 anos, Nivaldo enfrenta uma demanda significativamente menor em comparação ao passado. Trabalha principalmente com peças de alfaiataria, ternos, calças e paletós, tanto confeccionando do zero quanto realizando consertos, especialmente em peças mal acabadas produzidas pela indústria, com destaque para as importadas da China. Um terno completo custa hoje cerca de 1.500 reais, enquanto uma calça feita sob medida varia entre 250 e 350 reais, dependendo do modelo. Sua rotina inclui técnicas tradicionais, além de conhecimentos em tinturaria, lavagem e passagem, sendo necessário até 40 minutos para passar uma calça com perfeição.

Nivaldo evita consertos simples, como barras e zíperes, por não considerá-los parte do trabalho de um alfaiate tradicional e até trabalho próprio para uma costureira. Ainda assim, não se recusa a executá-los quando necessário. Conforme o alfaiate, esses reparos seriam mais adequados ao trabalho de uma costureira. O conserto de peças como ternos e calças é chamado de “buteiro”, e desmarchá-las exige um conhecimento profundo que muitos alfaiates atuais não dominam ou evitam enfrentar. Ele também destaca que o corte de calças masculinas e femininas é distinto e requer conhecimento técnico específico.

Embora tenha incorporado algumas modernizações à sua prática, Nivaldo mantém os princípios e técnicas que aprendeu, reafirmando que a alfaiataria é uma profissão de aprendizado contínuo, construída “sempre um com o outro”. Seu maior desafio atualmente é o encerramento da tradicional alfaiataria, impactada diretamente pela indústria da moda, que “acabou com o alfaiate”. Nivaldo sente que o ofício está desvalorizado. Em décadas anteriores, havia muitas alfaiatarias, inclusive na Rua 14 de Julho, onde chegou a confeccionar peças femininas inspiradas em revistas da época. Hoje, a baixa demanda e a dificuldade de remunerar adequadamente aprendizes inviabilizam a continuidade do ofício.

O alfaiate lamenta que as pessoas não reconheçam o esforço e a complexidade envolvidos na alfaiataria, que exige precisão, técnica e dedicação. Para Nivaldo, a importância da profissão é imensa: “ajudou muito em tudo em sua vida” e lhe permitiu conhecer “muitas pessoas boas”. No entanto, acredita que o futuro da alfaiataria está “acabado, finalizado”. Estima que existam apenas cinco ou seis alfaiates em Campo Grande atualmente, e não vê perspectiva de renovação, pois faltam profissionais dispostos a ensinar e

jovens interessados em se dedicar ao longo e exigente processo de formação. Apesar dos desafios e do possível fim da alfaiataria tradicional, Nivaldo conclui com uma reflexão sobre sua trajetória: “A vida é muito boa pra quem sabe viver, e eu vivi.”

O senhor Nivaldo revela que a profissão de alfaiate era tradicionalmente transmitida de forma direta, de um profissional experiente para um aprendiz, sempre por meio da convivência e da prática. Parte de seu conhecimento foi herdada de outro alfaiate, e assim sucessivamente, em um processo de observação atenta e contínua. O alfaiate, relata que passava horas apenas observando como se confeccionava uma peça, prática que hoje, segundo ele, poucos estão dispostos a realizar. A falta de interesse das novas gerações em aprender o ofício preocupa Nivaldo, que associa esse desinteresse à ascensão da indústria de confecção e à desvalorização da alfaiataria.

Durante a entrevista, Nivaldo comentou que as indústrias “acabaram com o trabalho dos alfaiates”, pois os consumidores passaram a buscar peças prontas em lojas populares, referidas por ele como “da China” que, segundo sua experiência, frequentemente apresentam defeitos e cortes mal executados. Essa crítica encontra respaldo no artigo A alfaiataria e sua particular transmissão de ensino, de Juliana Barbosa (2015), que afirma:

“A alfaiataria é um destes ofícios que começa a figurar na lista das profissões em vias de extinção. E para os próprios alfaiates, os principais motivos para que isto ocorra são o surgimento de novas tecnologias, a evolução da Indústria de Confecção e a falta de interesse das novas gerações pelo ofício, em parte gerada pelos baixos salários praticados que não condizem com o alto grau de especialização que lhes é exigido, fato este se comprova pela ausência de aprendizes nas oficinas de alfaiataria” (2015, p. 165).

O ofício da costura, como arte, exige tempo, vontade e domínio técnico. Nivaldo, conhecido por muitos como o “rei do alfaiate” e referência em Campo Grande (MS), lamenta que poucos desejam aprender a forma tradicional de confeccionar uma peça com qualidade. Como destaca Barbosa (2015, p. 165), “falta o reconhecimento da importância deste setor e, consequentemente, estratégias e mecanismos de transmissão deste conhecimento, que deem conta da complexidade deste ofício e garantam sua continuidade”.

Durante toda a entrevista, Nivaldo não interrompeu seu trabalho. Refazia uma calça de alfaiataria para um cliente fiel que confiava exclusivamente em seus serviços. Após diversos ajustes na peça, passou a dedicá-la ao processo de passagem, atividade que durou

cerca de 40 minutos, enquanto respondia às perguntas. Só então retornou à máquina para continuar a costura, demonstrando o cuidado minucioso que dedica a cada etapa do processo, em busca de um acabamento perfeito.

Nivaldo enfatiza constantemente que confeccionar uma peça demanda tempo e saberes técnicos. As peças que estavam sendo trabalhadas durante a entrevista levaram cerca de três dias para serem confeccionadas, e ainda não estavam finalizadas. Esse cuidado revela um nível de atenção que dificilmente seria encontrado na produção industrial. Como aponta Barbosa (2015, p. 165),

“o tempo empregado para a confecção de um terno sob medida também contribui para o desconhecimento das novas gerações acerca de seu trabalho, pois a roupa feita sob medida não leva menos de 40 horas de labor para ser entregue, ao passo que lojas especializadas disponibilizam ternos de imediato, com possíveis ajustes de manga, comprimento de calça, e ainda assim, entregando o traje num curto espaço de tempo”.

A indústria segue padrões de indumentária que padronizam corpos, buscando atender a uma parcela da população que se encaixa em tabelas de tamanho. A diferença está no corte: o corte feito por um alfaiate é totalmente personalizado, garantindo o caimento perfeito, algo que a indústria tenta replicar, mas não consegue com a mesma precisão. Nivaldo relata que já se cansou de consertar peças mal feitas por fábricas, tendo que refazê-las por completo devido ao mau caimento. Como reforça Barbosa (2015, p. 166), “desta forma, a roupa feita por um alfaiate tem como principal característica o corte personalizado, além dos detalhes de acabamento que são totalmente distintos daqueles feitos pela indústria”.

A formação de um aprendiz exige não apenas tempo, mas também disposição para acompanhar o dia a dia do alfaiate e aprender suas técnicas. O saber tradicional requer um olhar atento e dedicado. Nivaldo comenta: “Passava horas observando o alfaiate antes de começar a trabalhar”. Essa prática é confirmada por Barbosa (2015, p. 167), que afirma:

“O fato que se percebe hoje é que o processo de ensino através da demonstração, na observação da atividade do alfaiate e da constante prática ainda é o mais efetivo, pois um alfaiate possui um gestual e estratégias mentais particulares, dotados de uma série de minúcias que são muito sutis, e que só são aprendidas no exercício do dia a dia, com a prática constante, na transmissão de um conhecimento adquirido de maneira tácita e empírica”.

Os relatos e observações registrados ao longo da pesquisa indicam que Nivaldo mantém uma relação contínua com os saberes tradicionais da alfaiataria, tendo vivenciado diferentes fases do ofício, desde os períodos de alta demanda até o contexto atual, marcado por encomendas mais pontuais e realizadas por clientes recorrentes. Segundo seu próprio depoimento, considera-se praticamente aposentado, atuando mais por afinidade com o trabalho do que por necessidade financeira.

A alfaiataria, que o acompanhou ao longo da vida, é por Nivaldo percebida como uma profissão em declínio, embora reconheça que viveu os melhores momentos do ofício. Como conclui Barbosa (2015, p. 168), “a alfaiataria requer, sobretudo, perseverança, disciplina, capricho e dedicação. Sem estes ingredientes o processo de aprendizagem não se instaura e, por consequência, não se conclui”. A trajetória de Nivaldo, conforme os dados coletados, sugere a permanência desses saberes ao longo do tempo.

Considerações finais

As histórias de vida e trajetórias profissionais da costureira Eunice Tels e do alfaiate Nivaldo Ribeiro, embora distintas dentro do universo da costura, revelam desafios e preocupações que se entrelaçam. Ambos expressam a ausência de perspectivas quanto à continuidade dos saberes tradicionais nas novas gerações e compartilham o impacto provocado pela lógica do *fast fashion*. No caso de Dona Eunice, ainda há demanda por consertos e peças sob medida, o que lhe permite manter o ofício. Já para o Senhor Nivaldo, a queda na procura por alfaiataria representa uma ameaça concreta à sobrevivência da profissão.

A análise antropológica desenvolvida a partir da observação e das entrevistas realizadas com esses trabalhadores no centro de Campo Grande (MS) permitiu compreender as transformações econômicas, sociais e culturais que atravessam o ofício da costura. Observou-se como, gradativamente, o trabalho artesanal vem sendo afetado pela expansão do *fast fashion*, o que tem levado esse saber tradicional a enfrentar não apenas uma série de desafios, mas também o risco de marginalização e esquecimento.

Autores como Sennett (2009) e Boltanski & Chiapello (2009) possibilitam compreender as transformações do capitalismo contemporâneo e como essas mudanças afetam diretamente a vida dos trabalhadores, substituindo vínculos e saberes transmitidos entre gerações por relações fragmentadas e despersonalizadas. O valor do trabalho artesanal e

tradicional é reduzido para atender às exigências do mercado, contribuindo para o desaparecimento das dimensões simbólicas que caracterizam o trabalhador.

Completando tal análise, Lipovetsky e Serroy (2015) evidenciam essa mudança ao tratar do chamado “capitalismo artístico”, que atua sobre a estética e os desejos dos consumidores, impulsionando a busca por produtos prontos e de fácil acesso, em detrimento de peças sob medida, que exigem tempo, mas oferecem melhor cimento e durabilidade.

A autora Massaro (2021) contribui e demonstra com clareza como o *fast fashion* afeta diretamente a vida desses trabalhadores, que hoje sobrevivem, em grande parte, dos consertos de peças mal confeccionadas pela produção em larga escala. Da mesma forma, Ribeiro (2009) e Grance (2020), ao analisarem o trabalho das costureiras por facção e os coletivos de costura, revelam na prática os impactos dessas transformações sobre a vida dos profissionais do setor.

Essas reflexões se articulam com o movimento do *slow fashion*, que valoriza não apenas a arte artesanal, mas também a sustentabilidade ambiental e social, exaltando os saberes tradicionais. As entrevistas realizadas com os profissionais do mundo da costura revelam que o ser alfaiate e o ser costureira em Campo Grande (MS) vão além de uma questão puramente econômica: evidenciam um modo de existir que preserva saberes e identidades. O trabalho confeccionado por esses profissionais expressa quem são como sujeitos e representa uma forma de resistência política frente a um mercado consumista e despessoalizado.

Nesse sentido, a análise das autoras Frasquete e Simili (2017) evidencia como a costura, historicamente associada à feminilidade e à moda, tornou-se, para muitas mulheres, uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho e de conquista de certa autonomia financeira diante dos desafios da época. Eunice não apenas ama a costura, como faz dela parte de sua personalidade e identidade, expressas nas peças que produz.

Já Barbosa (2015) revela a particularidade do trabalho do alfaiate na confecção de peças sob medida. Os saberes adquiridos por Nivaldo ao longo de sua trajetória evidenciam sua excelência profissional, enquanto a ausência de aprendizes aponta para um futuro incerto da profissão que, por muitos anos, foi marcada pela transmissão oral e prática de conhecimentos técnicos e simbólicos.

A existência de trabalhadores como Eunice Tels e Nivaldo Ribeiro reafirma uma resistência política e social, na medida em que mantêm seus saberes vivos ao confeccionar peças com cuidado e técnica, enfrentando um sistema que privilegia a produção em escala e o consumo imediato, em detrimento da singularidade humana. Ao reconhecer a trajetória desses profissionais, evidencia-se a necessidade de valorização dos saberes tradicionais que sustentam, revalorizando o trabalho artesanal como expressão legítima de moda sustentável e como prática cultural que atravessa formas de economia mais conscientes. Nesse contexto, o movimento *slow fashion* aponta para questões cruciais, ao propor a valorização de saberes tradicionais e sustentáveis, revelando um potencial transformador no mundo da costura ao enfatizar memórias, identidades e modos de vida que resistem à lógica acelerada e impessoal da indústria da moda.

Referências Digitais e Bibliográficas:

- BARBOSA, Juliana. A alfaiataria e sua particular transmissão de ensino. *Revista Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 161–170, 2015.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BONI, Valéria; QUARESMA, Sueli. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FRASQUETE, Natália; SIMILI, Rosa. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 267–284, 2017.
- GRANCE, Ivani Marques da Costa. *Pode a costureira falar? Estudo etnográfico de um coletivo de costureiras em Campo Grande – MS*. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artístico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2004.

MASSARO, Tatiana. Relações entre moda, sustentabilidade e vida: a “roupa viva” de Flavia Aranha. *Revista ModaPalavra*, v. 14, n. 33, p. 1–23, 2021.

RIBEIRO, Wecisley. Trabalho, gênero e lingerie: tradição e transformação nas trajetórias das costureiras de roupas íntimas de Nova Friburgo-RJ. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 7, n. 15, p. 147–170, 2019.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.